

O PCB e a Moral Comunista*

Rodrigo Patto Sá Motta**

Abstract

The article analyzes one aspect of the communist tradition —sexual morality and family values. It focuses on the Brazilian Communist Party (within the international communist movement).

Key Words: Communist Party - Moral - Culture

Resumo

O artigo analisa um dos aspectos da tradição comunista, a questão moral, procurando enfatizar a realidade do Partido Comunista Brasileiro como parte de uma configuração internacional. A abordagem volta-se, mais especificamente, para o estudo da dimensão familiar e sexual da moral comunista.

Palavras-chave: Partido Comunista - Moral - Cultura

Introdução

Este trabalho é resultado de uma pesquisa que vem sendo empreendida com o objetivo de embasar empiricamente minha tese de doutorado.

A hipótese central é tentar provar se a tradição comunista no Brasil teria se estruturado a ponto de constituir uma cultura ou subcultura, uma comunidade portadora de valores, normas e hábitos que a caracterizariam como grupo à parte no interior da sociedade brasileira.

Neste sentido se insere o interesse pela questão da moral comunista: a existência de um código normativo é uma das características básicas de toda formação cultural. Descreverei e analisarei a existência de um código moral partilhado pelos comunistas, o qual estabelecia normas de compor-

* Trabalho apresentado originalmente no II Seminário de História Oral da FAFICH/UFMG, em 20/09/96.

** Departamento de História - FAFICH/UFMG

tamento e um elenco de valores que o militante deveria absorver e integrar ao seu *ethos*¹. No presente trabalho, será privilegiada uma das dimensões da chamada moral proletária, qual seja, a questão sexual e familiar.

O enfoque proposto é, sem dúvida, tributário do aporte teórico da “Nova História”, que nas últimas décadas tem se empenhado em renovar a prática e o discurso historiográfico. A inspiração maior vem da “História Cultural” e da “Nova História Política”, que deram origem ao conceito de cultura política, norteador de pesquisas voltadas para o estudo das organizações e movimentos políticos enquanto formações culturais². E é esta, precisamente, a intenção do trabalho: abordar o Partido Comunista como uma formação cultural.

Os registros orais constituíram-se numa das principais fontes do trabalho, embora tenham sido utilizadas também fontes escritas convencionais. Quanto aos depoimentos, são todos integrantes do acervo do Projeto “Memória e História: Visões de Minas”, coordenado por um grupo de professores da FAFICH/UFMG.

“Nem monges, nem D. Juans”

Começo citando dois trechos de militantes comunistas mineiros, reveladores de como o problema moral era importante na vida do partido.

A primeira citação é de um antigo trabalhador da Mina de Morro Velho, fundador do sindicato dos mineiros de Nova Lima e referência importante para o sindicalismo mineiro durante décadas.

Em seu depoimento ele lembra como se deu o contato inicial com o PCB, ocorrido na década de 1930. As primeiras informações sobre o comunismo lhe chegaram através de um ativista de origem judaica, Leon Lerman, que exercia a atividade de comerciante em Nova Lima. Leon se aproximou dele, então jovem trabalhador na mineração, procurando cooptá-lo visando a criação de uma célula entre os trabalhadores da Mina de Morro Velho.

Dos contatos mantidos com o ativista do PCB, nosso depoente se recorda como muito marcante o questionamento que lhe foi feito quanto a

¹ Este texto estava pronto, no início de setembro de 1996, quando tomei conhecimento de uma tese de doutorado defendida na USP dois meses antes (julho de 1996) abordando a mesma temática. Trata-se da tese de Jorge Luiz Ferreira intitulada “Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)”. Em um dos capítulos o autor analisa a moral comunista, chegando a resultados muito parecidos aos aqui apresentados.

² Cf. RÉMOND, René. *Por une histoire politique*. Paris: Éditions du Seuil, 1988 e CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. A respeito do conceito de cultura política ver: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A história política e o conceito de cultura política. *Anais do X Encontro da ANPUH/MG*. Mariana: ANPUH, 1996. Pp. 83-91

seu comportamento moral e ao tipo de relações sociais que privilegiava. Operário relativamente bem pago para a época, procurava relacionar-se com pessoas de nível social mais elevado, profissionais liberais e comerciantes. Jovem e solteiro, levava uma vida boêmia pontuada por numerosas conquistas amorosas. Certo dia, Leon chamou-o a conversar e criticou rigorosamente seu comportamento. Disse-lhe que, como operário, deveria buscar amizades na sua própria classe, único grupo onde poderia encontrar solidariedade efetiva. Advertiu-o que os burgueses de quem procurava se aproximar nunca seriam amigos confiáveis: em caso de necessidade não o socorreriam.

Seu comportamento moral também foi reprovado pelo militante. Eis a reprodução de uma parte da conversa, como dela se lembrava mais de cinquenta anos depois. Perguntou-lhe Leon:

“-(...)qual seria sua reação, se alguém fizesse com os seus irmãos, e as suas irmãs, o que você faz? Como você agiria?’

Aí eu falei assim: ‘se fosse minhas irmãs, eu achava ruim.’

-(...) e você comete esses erros e não acha que está errado?’

Quer dizer, depois dessa eu fiquei com vergonha de olhar na cara dele. Ele me depenou, não é? Tudo quanto eu tinha, ele botou no chão. Depois ele falou comigo: ‘você é muito inexperiente, de maneira que eu vou fazer um negócio. Eu vou te dar este livro e você vai ler’.

(...) Foi com ele que minha atividade comunista começou. Antes eu (...) era preocupado em conquistar mulher dos outros (risos) e essas coisas todas.”³

Evidentemente, ele não se tornou comunista apenas por conta do arrependimento quanto à sua conduta moral. O ativista lhe emprestou livros que, lidos com sofreguidão, descortinaram-lhe um mundo novo e fascinante, centrado na utopia da revolução social e da criação de uma sociedade justa e dirigida pelos trabalhadores. Identificou-se com o ideário comunista e desde então dedicou sua vida à Revolução. Mas é significativo como a crítica a seu comportamento o atingiu. Nas suas palavras, ele se sentiu ‘depenado’ pelo outro, que aos seus olhos se alçou como um ser de certo modo superior, ‘impoluto’ lutador pela causa revolucionária.

Acredito ter sido este impacto moral o estímulo inicial que levou nosso personagem a interessar-se pelo comunismo. De qualquer modo, mesmo que esta hipótese seja infundada, permanece uma pergunta: por que o ativista comunista se deu ao trabalho de criticar a conduta do outro? Porque, como o próximo exemplo nos ajudará a perceber, os comunistas

³ Depoimento gravado em 1990.

tinham um código de normas de comportamento, uma moral.

A segunda citação foi retirada da entrevista de outro destacado militante comunista mineiro, igualmente de origem proletária, ex-sindicalista e ex-vereador em Belo Horizonte. Perguntado se eram comuns os casamentos entre militantes respondeu afirmativamente, descrevendo em linhas gerais como eram as cerimônias. E completou:

"O relacionamento no partido naquela época era como uma família. Nós éramos sinceros, mas sinceros mesmo. Um comunista em relação ao outro era como um irmão de verdade. E o respeito também, entre si. É lógico que em toda sociedade às vezes existe algum que sai fora da linha, ao respeito para com as companheiras. Havia até um ditado dentro do partido, que dizia assim: 'mulher de companheiro para mim é homem'. Isso não quer dizer que de vez em quando algum não fizesse uma trapalhada. Aí era severamente criticado. Às vezes dava até em expulsão. Algumas expulsões, olhando pela lógica de hoje, a gente pode ver que eram injustas, exageradas. Levavam a gente às vezes a perder grandes companheiros por causa de um caso que podia ser resolvido dentro dos costumes burgueses. Um companheiro que, por exemplo, teve uma relação com uma jovem era só falar 'você vai casar' e pronto. Às vezes o camarada queria casar. Mas a gente para manter a linha, não é, para manter aquela moral elevadíssima, expulsava do partido. E até publicava; um absurdo. Publicava o nome do cidadão: 'expulso por isso, por imoralidade'. Quer dizer, desmoralizava a pessoa."⁴

Como se vê, havia entre os comunistas um código moral rígido, particularmente no referente à questão sexual e familiar. Outros exemplos podem ser aventados, retirados da bibliografia e de fontes primárias.

No livro de Antônio Carlos Félix Nunes *PC, linha leste*, uma espécie de autobiografia romanceada, o autor narra sua militância no PCB dos anos 50, na região do Tatuapé, periferia de São Paulo. Destacamos uma passagem interessante para nossos propósitos, relativa à história de um jovem casal comunista que se aproximou, fruto da militância comum. Surgiu forte afinidade entre os dois, que passaram a ser vistos juntos com frequência pelos companheiros. Como não eram casados, seu comportamento passou a ser alvo de reprimendas, surgindo insinuações de haver uma ligação amorosa.

Houve uma reunião do Comitê Zonal para avaliar a situação. Gentil, o protagonista, afirmou aos companheiros não haver nada além de ca-

⁴ Belo Horizonte, 21/10/95.

maradagem entre ele e a moça. De qualquer modo, mesmo se houvesse, não via nada de reprovável sendo ele solteiro e Oflia separada do marido, portanto praticamente solteira também. Seus argumentos não foram ouvidos e o comitê destituiu-o de suas funções e enviou-o a militar na base de outro bairro. O casal não se encontrou mais⁵.

Um último exemplo, retirado do jornal *Voz Operária*. O semanário do PCB publicou, em julho de 1954, nota comunicando a expulsão de um militante, prática corrente na tradição comunista, particularmente no período 1947-56. Diz o jornal:

*"Segundo nota divulgada pelo Comitê do Amazonas do Partido (...), este organismo, 'na sua última Conferência, depois de tomar conhecimento e estudar a conduta antipartidária do indivíduo Aldo Moraes, resolveu expulsá-lo de suas fileiras, por ser indigno de pertencer ao Partido da classe operária e de Prestes'. A resolução acentua que Aldo Moraes vinha dando provas de degenerescência moral, como é o caso de possuir esposa no Rio e viver ostensivamente em Manaus com outra mulher e o de sua participação demagógica numa campanha pró-vítimas da enchente (...)"*⁶.

A matéria explica a seguir as suspeitas existentes contra o militante expulso. Acusavam-no de ter se ligado a um explorador e, juntos, aproveitado a situação de desespero da população ribeirinha, flagelada pelas enchentes.

O motivo oficial para a medida, portanto, não se restringiu à acusação de bigamia. Contudo, este argumento foi colocado em destaque e mencionado primeiro.

Enfim, creio que os exemplos arrolados sejam suficientes, embora muitos outros pudessem ser utilizados. Havia entre os comunistas brasileiros um código moral rígido, cuja transgressão poderia motivar penalidades severas.⁷

Vamos, agora, analisar a origem dessa preocupação com o fator moral, elemento que pode parecer estranho se levarmos em conta a dimensão libertária da tradição revolucionária. É paradoxal que um projeto visando a emancipação humana tenha dado origem a normas de comporta-

⁵ NUNES, Antônio Carlos Felix. *PC, linha leste*. Fragmentos da vida partidária. São Paulo: Livramento, 1980. p.73.

⁶ *Voz Operária*, 17/07/54, p.10.

⁷ Trata-se de um fenômeno internacional, na verdade. Sobre o Partido Comunista Francês, ver VINCENT, Gérard. "Ser comunista? Uma maneira de ser." In PROST, Antoine & VINCENT, G. (Org.) *História da vida privada*, 5: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

mento tão rígidas. Na verdade, a rigidez no tratamento da questão moral foi um produto dos desdobramentos da trajetória comunista no século XX, particularmente sob o impacto da tomada do poder pelos bolcheviques. Os textos dos fundadores do marxismo não dão suporte a tal interpretação. Mas a verdade é que sua visão de revolução implicava também numa reorientação moral.

Como é sabido, a tradição marxista encarava o mundo contemporâneo como cindido basicamente em duas classes antagônicas. O antagonismo entre capitalistas e operários, porém, não se restringiria à oposição social e política e aos interesses materiais distintos. Haveria também padrões de moralidade diversos⁸. Os operários, cuja missão histórica era liderar a constituição de um mundo novo, trariam uma moralidade nova também, necessariamente superior à da burguesia.

A moral burguesa seria, na essência, hipócrita e dúbia. Os valores por ela professados normalmente não eram observados com rigor. A questão da indissolubilidade do casamento seria um exemplo. O casamento monogâmico teria sido criado em função de necessidades econômicas, mas travestiram-no com um invólucro moral. A sociedade burguesa era defensora dos laços indissolúveis do matrimônio. Porém, hipocritamente, tolerava sua transgressão por parte dos homens. Na prática, apenas da mulher se esperava o cumprimento da regra.⁹

Além do mais, entendia-se que a moralidade burguesa vivia processo de decadência e dissolução, consentâneo com a irremediável decadência social e política daquela classe. Classe em decomposição, a burguesia viveria também um processo de decomposição moral, marcado pela corrupção, pelo amoralismo e pela depravação sexual. Tornou-se comum no discurso comunista a caracterização do burguês como indivíduo depravado. Na literatura de inspiração comunista frequentemente encontramos personagens com este perfil: famílias burguesas onde é comum a traição conjugal, a mentira, o vício e a corrupção econômica. Em contraposição, as personagens comunistas são decentes, honestas e morais¹⁰.

A utopia comunista, portanto, além da promessa de igualitarismo social, acreditava também na constituição de um homem renovado, um "homem novo" livre dos defeitos e vícios da sociedade capitalista e portador de uma moral superior.

A questão moral, na verdade, está no cerne do projeto comunista.

⁸ TITARENKO, A. I. *et alii*. **Fundamentos da ética marxista-leninista**. Moscou: Edições Progresso, 1982. pp. 14-21. Trata-se de um manual soviético, como se vê. Seguindo a tradição marxista, o texto é recheado de citações de Marx, Engels e Lênin.

⁹ ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985. p.89.

¹⁰ O melhor exemplo na literatura brasileira é a trilogia de Jorge Amado "Os subterrâneos da liberdade", publicado nos anos 1950 (São Paulo: Editora Martins, s/d).

Boa parte da crítica e dos argumentos usados contra a sociedade de classes são de natureza moral. Isto fica muito claro na análise feita por Engels do surgimento das classes sociais:

*"Os interesses mais vis - a baixa cobiça, a brutal avidez de prazeres, a sórdida avareza, o roubo egoísta da propriedade comum - inauguram a nova sociedade civilizada, a sociedade de classe; os meios mais ultrajantes minam e perdem a velha sociedade sem classes das gens: o furto, a violência, a perfídia e a traição."*¹¹

Pois bem, mas como seria constituída a moral comunista? Quais seriam seus valores básicos?

Acompanhamos um interessante debate a esse respeito nas páginas de *Voz Operária*, jornal comunista editado no Rio de Janeiro. Em 1954 o PCB decidiu reformular seus estatutos, no bojo dos trabalhos para a realização de seu IV Congresso. Os estatutos tinham um item especificamente sobre a conduta moral dos militantes. Nele se estabeleciam as falhas de comportamento consideradas inaceitáveis, passíveis de punição com a expulsão. A proposta de reformulação estatutária alterou a redação deste item, provocando dúvidas entre alguns militantes quanto ao acerto da mudança. Alguns leitores da *Voz* escreveram ao jornal manifestando sua inquietação. Um deles afirmou preferir o artigo dos estatutos anteriores, considerando a nova redação muito vazia. Para ilustrar seu ponto de vista transcreveu o artigo 25 do referido documento:

*"Os membros do Partido que comprovadamente atraíam a classe operária e a confiança neles depositada, por essa classe e pelo Partido; os realizadores de trabalho de fração; os ébrios contumazes; os que derem prova de degenerescência moral; os que realizem atos de aventurismo ou de degradação de classe (lumpen); os provocadores, os terroristas, os pregadores e praticantes de luta de grupo como método de ação do Partido e da classe operária, e, em geral, aqueles que, com sua conduta incorrigível vivam prejudicando o Partido, e, portanto, a classe operária e o povo, serão sumariamente afastados de seus postos, expulsos do Partido e desmascarados publicamente."*¹²

Na versão reformulada dos estatutos o artigo relacionado à conduta moral passou a ser o de nº 46, tendo a seguinte redação:

¹¹ ENGELS, *op.cit.*, p.109.

¹² *Voz Operária*. 06/02/54, p.5.

*"As organizações do Partido de todos os graus poderão tomar medidas disciplinares, sempre sujeitas à aprovação do organismo imediatamente superior e de acordo com as circunstâncias concretas, contra os infratores da moral do Partido (mentir ao Partido, faltar à honestidade e sinceridade para com o Partido, incidir em calúnias, dissolução de costumes, etc) e em virtude de faltas que o Partido considere criminosas como o não cumprimento das resoluções dos organismos superiores, a violação do Programa e dos Estatutos do Partido, ou ainda conduta que prejudique o prestígio e a influência do Partido no seio da classe operária e do povo."*¹³

Na verdade a diferença entre as duas formulações é pequena, como pode se ver. Contudo, nota-se na nova versão o cuidado de estruturar melhor o sistema punitivo, estabelecendo que a aplicação de punições era de responsabilidade da direção partidária. Por outro lado, não se fala mais em expulsão imediata. Nos artigos seguintes criou-se uma gradação nas medidas disciplinares, começando com penas leves como advertência e afastamento da função, mas podendo chegar à expulsão do partido.¹⁴

A discussão levantada a partir das mudanças estatutárias trouxe à tona um debate muito rico a respeito da moral comunista, expressão usada no artigo 46 e inexistente no anterior. Nas edições subsequentes da *Voz* ao longo de 1954 encontram-se várias referências ao tema. Uma medida da importância da questão nos é dada pelo fato de dirigentes destacados como Maurício Grabois e Mário Alves terem a ela se dedicado: em artigos para o jornal analisaram o problema da moral comunista, instruindo os militantes acerca das posições do PCB a este respeito.

Aliás, os militantes comuns, leitores da imprensa comunista, parecem ter demandado tal posicionamento. Alguns enviaram cartas ao jornal perguntando o que era a moral comunista. Afinal, em julho de 1954, a *Voz Operária*, alegando responder à missiva de um leitor, publicou uma extensa matéria sobre o assunto. O texto provavelmente foi elaborado por instâncias partidárias superiores, devido ao seu teor normativo e também ao fato de assumir uma postura de discurso competente. Não há, no entanto, referências indicando sua procedência. É, provavelmente, o documento mais completo produzido pelo PCB acerca da questão moral. Trata-se de uma espécie de manual de conduta para os militantes, apresentando uma discussão detalhada sobre como deveria ser o comportamento dos comunistas.

Não temos espaço neste trabalho para analisar em minúcias o documento. Além do mais, nos interessa em particular a dimensão familiar e

¹³ Idem. 16/01/54, p.9.

¹⁴ Idem, *ibidem*.

sexual da moral comunista, enquanto no texto referido se trabalha a moral como um conjunto de normas para a conduta geral dos militantes. Como diz o documento, na sua introdução:

*“A moral comunista, proletária, é um conjunto de regras e normas que determinam a conduta dos militantes do Partido em sua luta pela vitória da Revolução. O comunista parte do princípio de que é moral tudo aquilo que contribui para a destruição da atual sociedade e a construção da nova sociedade. Seguir, portanto, os preceitos da moral comunista é, em primeiro lugar, enquadrar a nossa vida de acordo com os interesses do povo brasileiro, do Partido e da revolução.”*¹⁵

O documento elabora uma análise do caráter classista dos códigos morais, com referências críticas à moral burguesa, como seria de se esperar¹⁶. Em seguida, destaca alguns pontos centrais da moral comunista, onze ao todo, que foram expostos e analisados detalhadamente. Todo membro do partido, interessado em ser um bom comunista, deveria seguir os seguintes preceitos: dedicar-se sem limites ao Partido; amar o povo brasileiro; respeitar os povos de todos os países; ser destemido na luta pelos objetivos partidários; ser abnegado; ser modesto; demonstrar espírito de disciplina; desenvolver a camaradagem; ser honesto e sincero para com o Partido; ser otimista e confiar na vitória da revolução.

Quanto ao ponto que nos interessa mais de perto, eis a íntegra do texto:

“Respeito pela mulher, em particular pela própria companheira e pelas camaradas de Partido. O desprezo pela mulher é uma atitude típica do regime feudal-burguês. Para o burguês a mulher é objeto de prazer e instrumento de exploração. O burguês julga a mulher um ser inferior, acostumou-se e fez sua a idéia da exploração da mulher na sociedade de classes.

‘Nem monges, nem D. Juans’ - foi assim que Lênin definiu a posição dos comunistas em relação à questão sexual. Homens normais, que não são nem pelo casamento indissolúvel, nem pela promiscuidade. Os comunistas adotam como exemplos a esse respeito, o amor

¹⁵ Voz Operária, 10/07/54, p.4.

¹⁶ Idem, ibidem: “Os conceitos de moral têm sentido diferente, do ponto de vista de classe. A moral burguesa, por exemplo, expressa os conceitos de uma classe em decomposição que se baseia na mais detestável hipocrisia. O burguês que fala em indissolubilidade da família é o mesmo que tem duas ou três amantes. Essa moral hipócrita corresponde aos objetivos de classe da burguesia decadente.”

de Marx por Geny de Westphalia (sic), de Lênin por Krupskaja, de Prestes por Olga Benário. O puro e humano amor de pessoas dignas."¹⁷

Estimulava-se os militantes a comportarem-se com moderação na esfera afetivo-sexual: evitar a promiscuidade e procurar constituir uniões conjugais sólidas e duradouras, seguindo alguns exemplos modelares. O casamento "burguês" - ao qual se atribuía a responsabilidade pelo tabu da indissolubilidade - era questionado, propondo-se o direito à separação. Na prática, porém, enfatizava-se o relacionamento monogâmico e, obviamente, heterossexual. Os documentos pesquisados não se referem à prática homossexual, mas não há dúvida que era considerada uma degenerescência moral¹⁸.

Uma leitura anacrônica e superficial levaria a considerar tal moral como essencialmente conservadora. Porém, se levarmos em conta o fato do marxismo ter sido elaborado no século XIX, concluiremos que suas posições no campo da moral privada eram avançadas para a época. Quanto ao homossexualismo, não faz sentido criticar-se os comunistas por não aceitarem tal opção no seu projeto da "nova sociedade" e do "novo homem". No período em questão o homossexualismo era tabu em todos os quadrantes. Mesmo os indivíduos com identidade homoerótica bem definida evitavam levantar a questão em público. Só a partir dos anos 60 teve início concreto o movimento pela afirmação dos direitos dos homossexuais.

No que respeita à mulher, o ideário comunista era bastante avançado se levarmos em conta o contexto histórico. Destinava-se à mulher um papel bem mais importante que na sociedade tradicional. A crítica marxista à sociedade burguesa incluía também uma crítica à subordinação da mulher, que na ordem capitalista seria tratada como objeto de domínio masculino ao qual se negava a possibilidade de desenvolver suas potencialidades como ser humano. O projeto comunista, ao contrário, propunha relações mais igualitárias entre homens e mulheres, defendendo a participação feminina no mundo do trabalho e da política.¹⁹ Defendia também o divórcio, medida fundamental para acabar com a submissão das mulheres e abrir-lhes novos horizontes de vida.

Portanto, na moral comunista a união conjugal continuava sendo prezada como esteio da família e célula básica da organização social. Contudo, não se tratava da mesma família da sociedade burguesa tradicional.

¹⁷ Id., *ibid.*

¹⁸ Certamente partilhava-se da opinião de Engels neste aspecto. De sua análise da sociedade grega clássica, retiramos a seguinte passagem: "(...) mas o envelhecimento das mulheres (gregas) refletiu sobre os próprios homens e também os envelheceu, levando-os às repugnantes práticas da pederastia (...)." *Op. Cit.*, p.70.

¹⁹ TITARENKO. *Op. Cit.*, p.236.

O casamento na sociedade comunista deveria ser pautado unicamente no amor e no companheirismo, ao contrário da união burguesa, artificial por ser baseada no interesse material. O ideário marxista propunha um modelo considerado mais de acordo com os ditames da natureza. Seria uma espécie de retorno a uma moral familiar mais natural. É interessante destacar que a preocupação dos comunistas em marcar bem a diferença entre o seu tipo de união conjugal e o casamento tradicional se expressou também a nível da linguagem: os cônjuges se tratavam por "companheiro" e "companheira", evitando usar as expressões "marido", "esposa" ou "mulher", associadas ao casamento "burguês".

Não se pode dizer que os comunistas fossem feministas no sentido de propor uma igualdade absoluta entre os sexos. Na sua concepção, homens e mulheres eram portadores de diferenças inatas, as quais determinavam a existência de papéis sociais naturalmente distintos. Mas, inegavelmente, estimularam o questionamento dos papéis tradicionais atribuídos à mulher.

No caso do PCB, encontramos inúmeros exemplos de iniciativas visando a luta por bandeiras femininas. Já desde os anos 1920 o partido estimulou a criação de entidades e movimentos voltados para a causa da mulher.²⁰ A partir da conjuntura aberta com a democratização de 1945 e durante a década de 1950 foram criadas várias organizações, desde Associações de Senhoras até círculos de leitura e discussão.

Alguns depoimentos apontam no mesmo sentido. Podemos citar o caso da esposa de um sindicalista mineiro eleito deputado nos anos 60. Os dois se conheceram na militância política, no início dos anos 50, ela participante da juventude comunista ele jovem líder sindical. Mesmo depois do casamento, segundo ela, o marido a estimulava a participar da militância política. Havia até, em certos momentos, uma cobrança por parte dele neste sentido, ocorrendo o mesmo com casais de seu círculo de relações.²¹

Outro depoimento: Paulo Eliziário, um alagoano que se fixou em Minas deslocado pelas peripécias da vida de militante comunista. Ele relata que quando entrou para o partido teve sua atenção chamada para o com-

²⁰ "Em 1928, o Bloco Operário e Camponês criou, no Rio de Janeiro, o Comitê das Mulheres Trabalhadoras - a primeira associação de massas femininas, surgida no Brasil sob a influência do PCB.

(...) Uma representante feminina tomava parte nas reuniões da direção do BOC, com os mesmos direitos dos outros dirigentes. Era a camarada Maria Lopes, esposa do operário metalúrgico José Vicente Lopes. Tudo isso era novo na época. Então, as mulheres não tinham direitos. Vegetavam, ainda mais exploradas e oprimidas que os homens". BRANDÃO, Octavio. *Combates e batalhas: memórias*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. p.348.

²¹ Auxiliadora Bambirra. 14/12/93. Analisando com cuidado o depoimento percebemos que havia uma certa ambiguidade no comportamento do marido. Em outra passagem ela fala que em certas situações ele questionava sua atuação pública, reclamando maior atenção aos filhos e ao lar. Dado interessante: nos anos 1950/60 havia duas mulheres na direção do PCB em Minas.

²² Depoimento gravado em outubro de 1995.

portamento de muitos maridos comunistas no âmbito privado: era comum partilharem com suas companheiras dos afazeres domésticos, prática raramente vista então entre os casais convencionais²².

Não obstante a existência de elementos "libertários" na moral comunista, havia também uma forte dose de ascetismo. Estimulava-se o comedimento no comportamento sexual, segundo a fórmula atribuída a Lênin: "nem monges, nem D. Juans". Os excessos eróticos eram tidos como comportamento decadente e burguês, típico de ociosos e parasitas sociais. Acreditava-se haver uma incompatibilidade entre um comportamento sexual menos comedido, menos regrado, e o trabalho produtivo. Por outro lado, o erotismo poderia desviar as energias do militante da luta revolucionária, levando-o à ociosidade e ao sensualismo estéril.

É importante destacar que esta defesa do comedimento erótico se coadunava muito bem com a visão predominante acerca do militante comunista: um ser humano estóico cuja missão é sacrificar a vida à causa e ao partido. Nenhuma renúncia, nenhum sacrifício deveria ser medido quando estava em causa a revolução e a redenção da humanidade. E o partido, na qualidade de agente condutor da revolução, deveria ser o depositário maior de toda a dedicação e de todas as energias. Até mesmo a família era secundária em relação ao partido. Inúmeros são os exemplos de militantes que deixaram suas famílias desassistidas em momentos difíceis para cumprir missões partidárias.²³ Obviamente, tais situações deixaram marcas de sofrimento pessoal muito intenso. Afinal, eram seres humanos, não autômatos ou fanáticos cegos. Mas o sacrifício pessoal era compensado com a idéia de que a revolução, quando ocorresse - e ela era inexorável -, traria o fim da miséria e da exploração. Neste contexto, a exigência de um erotismo comedido não parecia despropositada.

Na análise da moral comunista o mais destacável não é tanto a existência de um código de comportamento. Afinal, todo grupo social estruturado possui normas e padrões a serem observados por seus membros. O que chama mais atenção é a forma como eram encarados os preceitos morais comunistas. O militante devia segui-los com rigor, sob pena de receber punições severas por parte do partido. À estrutura partidária atribuía-se o direito de interferir na vida privada dos indivíduos. Em alguns casos, o partido chegou ao ponto de determinar com quem o militante deveria se casar²⁴. Em outros, opunha interdições contra as opções conjugais feitas por seus membros, considerando que a pessoa escolhida não teria a qualificação necessária para unir-se a um comunista. A interdição geralmente se ligava ao fato de tal pessoa não pertencer ao partido, ou à consideração

²³ Entre os depoimentos do acervo do Grupo de História Oral da FAFICH há dois casos de militantes que tiveram de abandonar suas companheiras no momento do parto em função de tarefas políticas a cumprir.

de ter origens ou hábitos tidos como burgueses. Como vimos, a organização também tinha poder para expulsar elementos cuja conduta moral fosse considerada indesejável, revelando marcas de “dissolução de costumes” ou de “degenerescência moral”.

Na cultura comunista, pelo menos até o início do questionamento interno aberto com a chamada desestalinização, não se fazia distinção entre as esferas privada e pública da vida do militante. Ser comunista significava, além de seguir as orientações políticas do partido e servir à revolução, possuir um comportamento privado afinado com as normas partidárias. De acordo com Maurício Grabois:

*“Educando-nos nos princípios da moral do Partido (...), subordinamos toda a nossa vida aos interesses partidários. O Partido é tudo para nós, é a nossa razão de ser, é a nossa grande família. Sem o Partido, jamais cumprimos a tarefa histórica de conduzir o nosso povo à completa libertação (...). Por isso, não é demais insistir no que já vem sendo uma lei para nós: o militante não pode ter duas vidas, uma dentro do Partido e outra fora dele.”*²⁵

A adesão ao comunismo era encarada como uma entrega total. Não fazia sentido distinguir privado e público. Para os comunistas havia apenas uma vida, a de ser dedicado integralmente à revolução e ao partido. Daí se explica a dificuldade encontrada em algumas entrevistas com velhos militantes que, solicitados a falar sobre suas vidas, demonstraram não conceber sua trajetória pessoal como algo separado da vivência partidária²⁶. Aderir ao comunismo implicava em algo mais do que apenas participar de um projeto político visando transformações sociais e econômicas. Implicava em assumir uma visão integral de mundo e uma moralidade específica.

Conclusão

Os formuladores originais do projeto comunista não se preocuparam em estabelecer um código moral sistemático para a nova sociedade. Legaram a seus sucessores apenas indicações básicas de como seria a moralidade proletária ou comunista. Com o estabelecimento da URSS, necessidades políticas prementes ligadas aos desafios de construir um Estado socialista levaram os bolcheviques a visitar os clássicos marxistas na busca de ori-

²⁴ WAACK, William. *Camaradas*. Nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.188.

²⁵ *Voz Operária*. 10/04/54, p.1 (Suplemento).

²⁶ Depoimentos de Evaristo Garcia e Anélio Marques.

entação. De uma maneira geral, houve uma adaptação - mais ou menos fiel, dependendo da situação - das referências contidas nos clássicos. Em relação à questão moral seguiu-se, no geral, os parâmetros das obras de Marx e Engels.

Contudo, houve um grande enrijecimento tanto na concepção dos valores quanto na cobrança à sua observância. É difícil imaginar Karl Marx concordando com o afastamento de revolucionários em função de críticas a seu comportamento privado. Ele ajudou, porém, a elaborar a idéia de que a revolução levaria à constituição não só de um mundo novo, mas, igualmente, à formação de um homem novo, portador de uma moralidade necessariamente superior à da burguesia. Nesta perspectiva, os militantes partidários deveriam ser os protótipos desse "novo homem" da futura sociedade, já iluminando com seu exemplo o caminho do futuro. Era esta compreensão que justificava o rigor no respeito à moralidade comunista. Quem não a respeitasse demonstrava não estar apto a ser parte da elite dos construtores do mundo novo.

É preciso levar em conta, por outro lado, a influência exercida sobre o PCB pela moral vigente na sociedade brasileira. O seu moralismo, em vários aspectos, era muito próximo dos padrões de comportamento convencionais, o que torna factível a hipótese de ter havido a absorção de algumas características da moral dominante.

Além disso, a observância de preceitos morais rígidos podia ter efeitos propagandísticos positivos. O imaginário anti-comunista construiu e explorou intensamente uma representação dos comunistas como destruidores da família e pervertores dos "bons costumes". Afastar os elementos considerados degenerados e dissolutos era uma demonstração da falsidade da argumentação anti-comunista, uma prova de que o partido queria atrair para suas fileiras "os melhores filhos do povo", jargão muito recorrente no discurso do PCB.

Obviamente, nem todos militantes seguiam à risca a moral "proletária". Mas o comportamento imoral tornava instável a situação do indivíduo frente ao partido. Mesmo não sendo punido formalmente sua carreira na organização poderia ser prejudicada. Havia um órgão chamado Comissão de Controle, subordinado ao Comitê Central, cuja atribuição principal era investigar a vida dos dirigentes partidários e julgar acusações contra sua "honorabilidade pessoal e a conduta pública".²⁷ É provável que um elemen-

²⁷ "A Comissão Central de Controle, eleita pelo Comitê Central e constituída de militantes que tenham pelo menos dez anos consecutivos de atividade partidária, têm as seguintes atribuições:

a) Examinar as acusações dirigidas contra a honorabilidade pessoal e a conduta pública dos membros do Comitê Central, dos membros das Seções e Comissões subordinadas ao Comitê Central, dos responsáveis dos órgãos centrais da imprensa do Partido, dos Secretários dos Comitês Regionais, bem como dos militantes que exercerem funções de representação partidária em âmbito nacional;

to sobre o qual pairassem suspeitas de comportamento inadequado sofresse constrangimentos na dinâmica intrapartidária. Certamente, a posse de informações desabonadoras a respeito de alguém se constituía em arma nas disputas internas por poder.

Finalmente, é preciso observar as mudanças ocorridas ao longo da história do PCB. Embora os valores morais tenham permanecido basicamente os mesmos durante boa parte do tempo, deve-se ressaltar que os episódios de interferência ostensiva do partido sobre a vida privada de seus membros se concentraram no período "stalinista", principalmente nos anos iniciais da guerra fria. Foi a época de maior enrijecimento na vigilância ao cumprimento dos princípios doutrinários, um desdobramento da lógica maniqueísta do confronto bipolar. Era preciso estar atento contra as investidas do inimigo imperialista, portanto, cerrar fileiras e desconfiar dos vacilantes. Afinal, havia sempre o risco do adversário infiltrar seus agentes nas hostes comunistas, com a intenção de desmoralizar a revolução aos olhos do povo. Lembremos, contudo, que no contexto da guerra fria atitudes raiando a paranóia não foram privilégio dos comunistas. Os autoproclamados defensores da democracia e da civilização ocidental tiveram comportamento similar.

Com o início da "desestalinização" certamente houve uma mudança. A divulgação em 1956 do relatório elaborado por Krushev acerca dos crimes atribuídos a Stalin, provocou um cataclisma no movimento comunista. Vários postulados e práticas vigentes até então foram questionados. Falta investigar o impacto causado por tal conjuntura a nível das concepções morais dos comunistas brasileiros. Uma hipótese plausível a ser testada é que os valores permaneceram basicamente os mesmos, mas o partido teria relaxado a vigilância em relação ao comportamento privado de seus filiados.

b) Verificar todas as questões de caráter disciplinar que lhe venham a ser submetidas pelo Comitê Central;

c) *Investigar a vida de todos os elementos que ocupem cargos de direção no Partido.* Artigo 29 dos Estatutos. *Voz Operária*. 16/01/54, p.2.